

A PERTINÊNCIA DOS ESTUDOS SEMIOLINGUÍSTICOS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO “QUEM NÃO SE COMUNICA, SE TRUMBICA!”

Diniz Duarte de Souza

Orientadora: Prof. Dra. Patricia F. N. Ribeiro

Mestrando

Motivações e Objetivos da Pesquisa

O presente trabalho foi inspirado em uma monografia realizada pelo próprio autor para Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2014. No trabalho inicial, o pesquisador analisou cartas direcionadas à presidente Dilma Rousseff. Essas cartas foram produzidas por alunos do ensino médio de instituições públicas e privadas da cidade com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado do Rio de Janeiro: Niterói.

Através dessas análises, notou-se que os estudantes precisam de auxílio para o melhor desenvolvimento de seus textos, pois apresentaram dificuldade ao entender o contexto da carta e adequá-la ao seu interpretante. Além disso, outro aspecto de suma importância foi o discurso de muitos alunos ao serem solicitados a escrever uma carta à presidente, muitos disseram: “mas eu não sei escrever!”, “posso escrever do meu jeito?” ou “ah, professor, eu não sou bom em escrever redação. Se eu escrever errado, tem problema?” Entretanto, por que os alunos temem tanto se manifestar na sua língua materna?

Em vista dos resultados das análises e da insegurança dos alunos ao se expressarem na sua própria língua, o estudioso começou a refletir sobre uma maneira que pudesse reunir os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais e fornecer as ferramentas necessárias para o crescimento intelectual dos alunos. Desta forma, os estudantes teriam um melhor desempenho não somente na escola, porém na vida.

Observando esses desafios, o pesquisador iniciou um projeto alicerçado pela Análise Semiolinguística do Discurso que visasse o desenvolvimento dos alunos, respeitasse o

conhecimento de língua no ensino médio e realizasse os objetivos estipulados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Semiolinguística

A análise semiolinguística do discurso foi inaugurada pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau na década de 80 do século XX. A proposta de Charaudeau situa-se a meio caminho entre as teorias que surgiram durante o século passado. A abordagem do autor não se restringe aos estudos *stricto sensu* (limitados aos estudos da fonologia, da morfossintaxe, por exemplo) e aos extremamente abertos ao extralinguístico, como certas análises do discurso. Esse situar-se a meio caminho ecoa na própria denominação da teoria.

A análise semiolinguística do discurso é semiótica, ao mesmo tempo, linguística e do discurso. Trata-se de uma teoria semiótica, porque não se limita ao valor semântico dicionarizado das formas linguísticas, pois também se interessa pelo valor semiótico da informação veiculada através do significado *stricto sensu* e de dados extralinguísticos extraídos de uma situação comunicativa como o gênero textual, o contexto histórico e o perfil do falante/escritor e do ouvinte/leitor. Em outros termos, conjugam-se nesta Análise Semiolinguística do Discurso (ASD) aspectos verbais e não verbais na produção do sentido.

A teoria proposta é linguística, pois o ponto inicial da interpretação dos textos é a descodificação dos seus signos verbais. Por fim, é do discurso, porque é imprescindível à análise dos textos o contexto discursivo de produção, integrado por outros textos que circulam na sociedade em geral ou em um dado grupo social. Entender os escritos pré-existentes é fundamental para atividade de interpretação, pois não há texto sem contexto.

A propósito do conceito de texto, Charaudeau discorda de conceituá-lo como mensagem codificada por um *emissor* e descodificada por um *receptor*. O autor acredita, que na relação com o texto, pode haver tanto ganho quanto perda de conteúdo, pois o receptor é co-autor da produção de sentido, na medida que, lendo “nas entrelinhas”, pode identificar conteúdos implícitos em que o autor não havia pensado e trazê-los à tona na construção textual.

Vale também acrescentar que os elementos da situação comunicativa (o emissor, o receptor, a relação entre ambos, o contexto cultural, o local, o modo de dizer, etc.) interferem no significado global do texto. Uma mesma expressão pode ganhar valores semânticos distintos de acordo com a visão de mundo de cada participante da interação. Um termo como

“sinistro” pode significar para um receptor mais jovem algo maravilhoso e para o mais experiente algo assustador. Nesse sentido, o significado não é previamente dado, mas emerge de cada situação comunicativa particular.

Vista a importância do receptor e sua influência na compreensão textual, o pesquisador afirma que o texto, por ser “o produto de um ato de comunicação” – Charaudeau (1992:635), não pode ser interpretado ou analisado fora da situação comunicativa. Segundo o autor, “Comunicar-se é pôr em cena um projeto de comunicação, ou seja, é proceder à encenação (*mise en scène*) desse projeto” em que os atores assumem papéis diferentes.

Para melhor compreensão desse pensamento é preciso entender, então, a noção de papel comunicativo. Em um projeto de comunicação, todos têm seus papéis. Um ator quando se propõe a anunciar um produto, precisa mostrar que aquele item é o melhor, mesmo que ele não acredite na eficiência do mesmo. Quando dizemos “boa tarde” a alguém, estamos cumprindo o papel de pessoa educada, pois, na maioria das vezes, não estamos necessariamente desejando que a pessoa tenha uma boa tarde.

Os sujeitos da comunicação

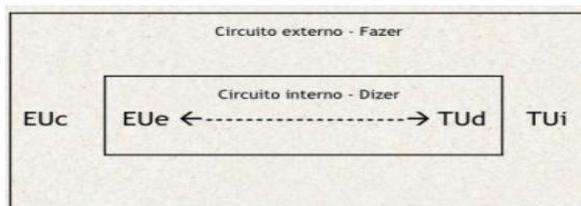
A Semiolinguística apresenta como central o conceito de *mise en scène* (encenação) na comunicação. Sob esse postulado, não cabe, no trabalho de interpretação de um texto, a demarcação de um “eu” e um “tu” isolados e singulares, porém, a existência de “eus” e “tus”, correspondentes a: Eu-comunicante, Eu-enunciador, Tu-destinatário e Tu-interpretante.

O Eu-comunicante e o Tu-interpretante são pessoas reais com suas identidades psicossociais; por outro lado, o Eu-enunciador e o Tu-destinatário são entidades do discurso, i.e., sua existência é restritamente teórica. Desta forma, podemos pensar nesses sujeitos operando a seguinte correspondência: eu-comunicante e tu-interpretante correspondem a entidades reais, eu-enunciador e tu-destinatário tem existência hipotética.

O Eu-comunicante é aquele que fala ou escreve e o Tu-interpretante é aquele que ouve ou lê o texto (oral ou escrito). O Tu-destinatário é a imagem idealizada que o Eu-comunicante tem do Tu-interpretante, ou seja, é uma hipótese formulada sobre quem seja o Tu-interpretante. Sendo assim, enquanto no primeiro, temos a ideia real desse encontro entre o eu e o tu, o segundo é baseado em um pressuposto feito pelo comunicante em relação ao interpretante.

Charaudeau denomina dois tipos de circuitos: externo e interno. O primeiro pertence aos sujeitos do mundo real e o segundo ao conjunto dos sujeitos do discurso. Sendo assim, o

circuito externo é formado pelo Eu-comunicante e o Tu-interpretante, enquanto o interno é formado pelo Eu-enunciador mais o Tu-destinatário.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/bellajobedo/analise-discurso-novas-direes>. Acesso em 31/08/2015

Quando o Eu-comunicante produz no seu discurso, ele está se dirigindo à imagem que ele tem do outro. Em vista disso, se o Tu-destinatário e o Tu-interpretante coincidirem, eis uma comunicação bem sucedida. Caso contrário, ela malogrará. Em relação ao Eu-enunciador, este é a imagem que o Eu-comunicante pretende passar de si mesmo. Essa imagem pode ser reconhecida e assumida pelo Tu-interpretante. Entretanto, quando o reconhecimento não acontece, há um fracasso na comunicação.

Essa falha acontece quando o Eu-comunicante cria uma imagem de si que não condiz com a realidade, por exemplo: João dá uma ordem a Pedro e Pedro pergunta: quem você pensa que é para me dar ordens? Nessa situação, o Eu-comunicante criou mentalmente um Eu-enunciador (sua imagem) que não corresponde à forma que o Tu-interpretante o reconhece, conseqüentemente, houve insucesso diante ordem apresentada.

Os riscos da comunicação são previstos por Charaudeau, pois o mesmo afirma que o ato de comunicar-se é uma aventura que pode resultar em sucesso ou fracasso. Essa aventura acontece todas as vezes que os “eus” e os “tus” se encontram. A comunicação é uma aposta em que há regras internas (língua, léxico, sentido, entre outros) e externas (as relações interpessoais, a polidez, o contexto, etc.).

A reflexão sobre o “eu”, sujeito da comunicação, está presente em diversos estudos (Análise do discurso, psicanálise, a maior parte das vertentes linguísticas, entre outros.) e tem sido analisado de pontos de vista completamente distintos no âmbito dos estudos da enunciação – um dos pontos mais estimulantes da pesquisa linguística. Tal distinção tem trazido um grande progresso à compreensão da relação: homem e linguagem.

Então, por que dentre tantas teorias voltadas à preocupação sobre a relação entre os sujeitos em interação, a semiolinguística e os conceitos de Chareadeau para nortear esse trabalho? Porque a proposta do francês é abrangente e atinge modalidades inteiramente divergentes, pois pode ser aplicada tanto à poesia quanto à prosa, ao texto jornalístico ou ao

literário, ao anúncio publicitário e à carta, gênero sobre o qual este estudo se debruçará. O francês se preocupa com a interação e entender como ela acontece e como os seus sujeitos se colocam em cena dizem respeito diretamente ao objetivo mais amplo desse trabalho: apresentar a pertinência dos estudos semiolinguísticos no desenvolvimento e triunfo dos alunos nas instituições de ensino quando estimuladas a escreverem suas produções textuais. Para compreender tal relevância é indispensável entender um dos pilares da teoria semiolinguística: o contrato de comunicação.

O contrato de comunicação

A comunicação envolve restrições e “liberdades”. Não podemos falar o que quisermos; no momento em que desejamos, no tom e da forma que bem entendermos. Os atos de linguagem acontecem nos limites do quadro em que nos movimentamos. São essas fronteiras que vão conduzir o sucesso da comunicação. Fronteiras que são advindas tanto dos sistemas das línguas naturais quanto dos comportamentos linguísticos previstos nas diferentes culturas.

O próprio sistema da língua opera suas restrições, pois há construções que não são permitidas do ponto de vista do conteúdo formal. Por exemplo, é o que ocorre diante da construção: “Nós festa no pedra de foi carro!”. O falante tem a liberdade de fazer escolhas sintáticas e lexicais, porém essas devem ser feitas dentro das opções proporcionadas pelo sistema linguístico e não da forma que ele bem desejar.

Semelhantemente ocorre com denominados contratos de comunicação que regem a atividade linguística, eles permitem certas condutas e interditam outras. Não podemos, por exemplo, fazer perguntas de cunho particular a pessoas na rua, porém não haveria nenhum problema em fazê-las a um amigo íntimo. A adaptação da língua a determinadas situações também apresenta a preocupação com o contrato, pois pensar no jeito que se fala é pensar no outro, no contexto e nas relações estabelecidas entre os “eus” e os “tus”.

Um contrato de comunicação – conceito fundamental no âmbito da Teoria Semiolinguística do Discurso - pressupõe sempre determinada situação comunicativa. O contrato que rege a relação médico-paciente, por exemplo, não é o mesmo que rege, na rua, a comunicação entre transeuntes que não se conhecem. Cada contrato tem suas próprias especificações e é o respeito a esses limites que contribuirá para uma comunicação eficaz.

Um contrato de comunicação terá de definir os seguintes pontos: a) os papéis dos sujeitos na comunicação; b) a natureza monolocutiva ou interlocutiva; c) os rituais de abordagem – Charaudeau(1992:638).

Os papéis da comunicação são os que o Eu-comunicante e o Tu-interpretante devem realizar segundo o contrato estabelecido a cada situação comunicativa. O papel do professor é ministrar aulas e, o do aluno participar. Em uma corte, o papel do juiz é julgar e, o do advogado defender o seu cliente, por mais que ele mesmo não acredite na inocência do réu.

A comunicação pode ser interlocutiva ou monolocutiva. A primeira acontece quando os papéis do Eu-comunicante e Tu-interpretante se alternam, como em uma conversa entre pai e filho. A segunda ocorre quando não há a troca de papéis, por exemplo, um programa de rádio e um ouvinte. O ouvinte não interage explicitamente com o locutor, sendo assim, “não” há retribuição.

Os rituais de abordagem envolvem, por exemplo, as regras de polidez. Esses rituais constituem as obrigações, deveres e condições do primeiro contato com o interlocutor, compromissos que tangem as saudações, desculpas, gentilezas, respeito à face, perguntas e até mesmo gestos como o aperto de mão. Numa situação monolocutiva escrita, esses rituais acontecem através das introduções e fechos dos livros, manchetes jornalísticas e em nosso objeto de trabalho: as cartas.

Em vista das características supramencionadas, o contrato de comunicação se constitui como um dos pilares desse trabalho, pois uma das formas pelas quais o aluno pode melhorar seu desempenho na comunicação é pensar inicialmente sobre seu papel a partir da encenação comunicativa. Através da reflexão do seu papel em um determinado contexto, o estudante pode desempenhá-lo de maneira bem-sucedida. Além disso, compreender a forma de se remeter ao outro e de abordá-lo faz uma grande diferença na maneira que o interlocutor receberá o discurso oral ou escrito.

Antes de apresentar a pertinência da teoria Semiolinguística no desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos, é de suma importância entender o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dizem sobre o ensino de língua e sua relação com a produção textual.

Parâmetros curriculares nacionais e o ensino de língua

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam, desde o início da apresentação do seu estatuto, uma busca pelo significado do conhecimento escolar, mediante

a contextualização. Outro enfoque presente é sobre a importância basilar da linguagem na inclusão do aluno na sociedade conforme a seguinte citação retirada do PCNs:

“As propostas de mudanças qualitativas para o processo de ensino-aprendizagem no nível médio indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sistematizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que o aluno possa participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade nos estudos. Como objetivar tais competências sem um trabalho sistemático e organizado com a linguagem?” (PCN,2000, p.5).

Através da citação supramencionada, pode-se notar a ênfase que os PCNs dão à inclusão social dos alunos através de um trabalho organizado com a linguagem. Os autores dos PCNs não restringem o ensino de língua a abordagem de regras gramaticais. Os estudiosos valorizam o contexto, os aspectos sociais e a maneira que a linguagem pode auxiliar na integração do estudante na sociedade.

Os PCNs destacam a função da linguagem como mais relevante do que a conjugação formal de verbos e o conhecimento de orações subordinadas. Os escritores parecem ver a linguagem como uma esperança e uma solução para transformar a realidade dos alunos. Todavia, ressaltam a todo tempo que essa transformação não acontecerá com o estudo descontextualizado e restrito ao aspecto formal.

“Toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, preta de significados e significação que vão além do seu aspecto formal. O estudo apenas do aspecto formal, desconsiderando a inter-relação contextual, semântica e gramatical própria da natureza e função da linguagem, desvincula o aluno do caráter intrasubjetivo, intersubjetivo e social da linguagem.” (PCN, 2000, p.6-7).

Conforme os Parâmetros, é através da linguagem que o aluno será inserido no mundo. Todavia, será que o ensino contextualizado da linguagem tem acontecido? Será que o aluno tem aprendido a pensar no outro, no contexto e na sua língua? Será que tem existido a reflexão sobre a língua nas instituições de ensino? Se sim, essa reflexão tem incluído ou excluído? Se não, como esse trabalho poderia ser feito?

O projeto que deu origem a esse trabalho mostra que muitas instituições de ensino não têm seguido as orientações dos PCNs e, conseqüentemente, todas as respostas às perguntas acima são negativas. Esse estudo inicial será aprofundado mais adiante, todavia, em

linhas gerais, vale ressaltar que o ensino de língua parece ter se resumido ao vestibular e a redação a textos sem contextos.

Nesse anseio para coibir o ensino restrito e expandir a contextualização e integração dos alunos ao mundo, os PCNs descrevem que a linguagem é capaz de introduzir o estudante ao mundo exterior, porém, mais do que isso, os Parâmetros ressaltam a importância da linguagem para os aprendizes conhecerem e expressarem seu próprio mundo.

“A Compreensão da arbitrariedade da linguagem pode permitir aos alunos a problematização dos modos de ‘ver a si mesmos e ao mundo’, das categorias de pensamento, das classificações que são assimiladas como dados indiscutíveis.” (PCN, 2000, p.5).

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1995) consolida a perspectiva acima sobre linguagem e visão de mundo com a seguinte frase: “As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu mundo.” Assim como o filósofo, os PCNs vêem a linguagem como uma maneira de auxiliar o aluno a sair da caverna e se desvincular de suas correntes.

Além do aspecto social, os PCNs também apresentam um caráter teórico sobre a maneira que a linguagem é vista. Os autores dos Parâmetros mencionam a negociação e a relação de forças dos interlocutores na interação.

“Nas práticas sociais, o espaço da produção de sentidos é simultâneo. Nesse, as linguagens se estruturam, normas (códigos) são partilhadas e negociadas. Como diz Bakhtin, a arena de luta daqueles que procuram conservar ou transgredir os sentidos acumulados são as trocas linguísticas, relações de força entre interlocutores.” (PCN, 2000, p.6)

Entretanto, como o aluno pode estar preparado para uma negociação diária, se ele não conhece o outro negociante? Como ter uma inserção social bem-sucedida, se a base dessa socialização é a linguagem e eles não refletem sobre seu funcionamento? Entender os mecanismos da linguagem e da interação pode levar o aluno à reflexão sobre alguns princípios básicos para que o sucesso comunicativo seja alcançado: nessa interação, quem sou eu? Quem é o outro? Onde estamos? O que devo e não devo dizer? Qual são os papéis presentes em jogo?

Então, qual deve ser o foco para o estudo de língua nas escolas? “O importante é que o aluno saiba analisar as especificidades, sem perder a visão do todo que elas estão inseridas, e perceba que as particularidades têm um sentido socialmente construído.” (PCNs, p.8). O aprendiz só será capaz de fazer tal análise quando a reflexão sobre a linguagem tomar um

espaço significativo na sala de aula. Um dos objetivos principais do presente trabalho é apresentar ferramentas para que essa reflexão bem-sucedida possa acontecer de forma natural dentro das instituições de ensino.

Os parâmetros curriculares nacionais e a semiolinguística

Tendo em vista o objetivo de inserção social dos sujeitos aprendizes através do ensino de língua contextualizado dos PCNs, como a Teoria Semiolinguística do Discurso pode contribuir para que esse propósito seja alcançado?

O pai da teoria Semiolinguística, Patrick Charaudeau, pensa na linguagem de forma completamente contextualizada. Dentre os diversos pontos de sua teoria, no presente capítulo, o contrato de comunicação foi escolhido para demonstrar como o conhecimento desse estudo poderia servir de grande contribuição para o desenvolvimento intelectual dos estudantes.

Antes de apresentar a relação da teoria com os objetivos dos Parâmetros, é de extrema importância salientar que a finalidade desse trabalho não é tornar a Semiolinguística mais uma disciplina escolar, mas trazer à tona como a reflexão sobre alguns de seus conceitos em sala de aula traria um amplo progresso para os alunos e alcançaria a meta almejada pelos PCNs.

Charaudeau defende que todo ato de linguagem pressupõe uma intencionalidade. Entretanto, para que esse ato tenha êxito, faz-se necessário que os participantes da interação se conheçam, conheçam o outro, o direito à fala e tenham um mínimo de saberes compartilhados postos na troca linguageira.

O estudioso define “o ato de linguagem como originário de uma situação concreta de troca, dependente de uma intencionalidade, organizando-se ao mesmo tempo num espaço de restrições e estratégias (...)”¹. Essa definição corrobora um das principais bases teóricas dos PCNs, mencionado anteriormente, que vê a língua como uma negociação. Esse pensamento traz consigo três níveis referentes à interação: O primeiro é o nível situacional que reflete sobre a finalidade da interação, a identidade dos de cada integrante e o domínio de saber, i.e., o nível situacional tem as seguintes questões como alicerce: Pra quê estamos aqui? Quem fala a quem? Falaremos sobre o quê?

¹ Citação retirada do artigo online “Uma análise semiolinguística do texto e do discurso”, no link www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html (dia 30 de agosto de 2015).

O segundo nível é o comunicacional, pois contempla o modo sobre como algo deve ser dito. A pergunta que envolve esse nível é: “de que modo devo falar?”. Para que esse segundo nível aconteça de forma exitosa, o comunicante e o interpretante devem conhecer as respectivas identidades e a legitimidade de cada um. Não saber apropriar a linguagem ao contexto pode ser um equívoco fatal para uma boa comunicação.

O terceiro nível é o discurso, este é constituído pelos princípios de alteridade, pertinência, influência e regulação. Princípios que levam o comunicante à reflexão sobre o modo de organização do seu discurso (oral ou escrito). Esse último nível é instituído pelo lugar de intervenção do sujeito falante, enquanto sujeito enunciativo.

Após observar a estrutura do contrato de comunicação e suas características, não fica difícil estabelecer sua relação com as propostas estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, visto que ambos valorizam o eu, o outro e contexto na interação. Os níveis supracitados e suas respectivas perguntas corroboram as metas e os seguintes pontos ressaltados pelos PCNs:

“O debate e o diálogo, as perguntas que desmontam as frases feitas, a pesquisa, entre outros, seriam formas de auxiliar o aluno a construir um ponto de vista articulado sobre o objeto de estudo. (...)

Neste caso, o aluno deixaria de ser um mero espectador ou reprodutor de saberes discutíveis. Apropriando-se do discurso, verificaria a coerência de sua posição. Dessa forma, além de compreender o discurso do outro, ele teria a possibilidade de divulgar suas ideias com objetividade e fluência.” (PCN, 2000,p.9)

Os pilares do contrato de comunicação consolidam o ideal dos PCNs. Essa reflexão sobre a linguagem é capaz de tornar um ensino idealizado em aprendizado real. Conduzir o aluno a fazer essas perguntas antes de dizer algo ou escrever um texto pode resultar em um estudante que pensa no contexto e, concomitantemente, se expressa com mais objetividade e fluência. Entretanto, como seria possível entender, avaliar e propor um estudo que fizesse todas as metas do PCN se tornarem real?

No presente trabalho, cartas de alunos do ensino médio serão apresentadas e analisadas detalhadamente. A análise não será restrita ao caráter formal, mas à capacidade de se expressar dos estudantes. Em caso de problemas significativos nas cartas, um estudo será feito sobre como a teoria de Charaudeau colaboraria para um melhor desenvolvimento desses textos e para um crescimento intelectual expressivo dos estudantes.

A conclusão desse tópico será com uma citação retirada do próprio PCN que mostra a importância do ensino verdadeiro e como a linguagem pode romper com as fronteiras e abrir novos caminhos para os alunos. Além disso, essa citação apresenta a relevância dos objetivos estipulados por esse trabalho e dessa busca para o desenvolvimento da linguagem dos alunos.

“(…) A partir de uma ideia, podem-se abrir muitas ‘janelas’, o sentido das escolhas pode depender do acaso ou de um interesse particular. No acaso, a possibilidade de atingir os objetivos desejados é externa à proposição individual. Quando há interesse definido, o controle sobre para que e para onde se quer ir pertence àquele que saber escolher.

Na vida, na produção de discurso, algo semelhante ocorre. São muitas ‘janelas’ a serem abertas para se escrever um texto, por exemplo. Se o aluno não aprender a abri-las, as chances de não se chegar a lugar algum ou de não atender aos objetivos propostos é grande.”(PCN, 2000, p.10)

A noção de gênero do discurso

Os gêneros do discurso são apresentados em diferentes perspectivas e por estudiosos distintos. O presente trabalho será baseado nas noções descritas por Charaudeau, Schneuwly & Dolz e Bakhtin.

Patrick Charaudeau, no texto “Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual”, faz uma reflexão profunda sobre a definição de gênero e seus limites. Após estabelecer relações entre o contrato, as situações comunicativas e os gêneros, o autor faz a conclusão do seu texto com a seguinte consideração:

“(…) la question des genres, vue de cette manière, doit permettre de mieux faire prendre conscience à l’apprenant de la façon dont le choix des formes langagières est lié à la perception que l’on a des constantes situationnelles, que ce soit pour les respecter ou pour jouer avec elles à des fins stratégiques.”² (Charaudeau, 2001, p. 13)

Outros autores que compartilham da noção de gênero são Schneuwly & Dolz (2001, p.29). Eles apontam como condição fundamental os seguintes aspectos:

“Pour définir un genre en tant que support de l’activité langagière, trois dimensions semblent essentielles : 1) les contenus et les connaissances qui deviennent dicibles à travers lui ; 2) les éléments

² “A questão dos gêneros, vista desta forma, deve permitir, de uma maneira melhor, tornar o aprendiz consciente da maneira cuja escolha das formas languageiras está ligada à percepção que temos das constantes situacionais, seja para respeitá-las ou para jogar com elas com fins estratégicos.” (tradução Renato de Mello)

des structures communicatives et sémiotiques partagées par les textes reconnus comme appartenant au genre ; 3) les configurations spécifiques d'unités langagières, traces notamment de la position énonciative de l'énonciateur et des ensembles particuliers de séquences textuelles et de types discursifs qui forment sa structure.”³

Os pesquisadores não delimitam o gênero, mas deixam características sobre a maneira que ele é composto. Visto a complexidade para se definir a ideia de gênero, esse estudo tem tido cada vez mais espaço entre os linguistas. Preston afirma que “(...) não há como não se aproximar da palavra gênero sem alguma trepidação, ela é altamente atraente, mas extremamente escorregadia.” (PRESTON, 1986, apud SWALES, 1990, p.33).

Entretanto, o estudioso Mikhail Bakhtin buscou estruturar a ideia de gênero de maneira relativamente sistemática. O pesquisador acredita que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciado e, conseqüentemente, enfatiza que o gênero é dinâmico na sua produção e dispensa a possibilidade de um viés estático.

O filósofo propõe uma classificação para os gêneros e os contrapõe em primário e secundário. Os primários são definidos como aqueles que ocorrem na vida cotidiana, de maneira geral, e os secundários são construídos de forma mais elaborada. Nessa visão, o nosso material de pesquisa, a carta, corresponde ao gênero primário, pois apesar do fato de que no mundo contemporâneo ela tenha sido substituída pelo e-mail, a carta ainda faz parte da rotina de muitas pessoas e não precisa ser complexa.

O objetivo do presente tópico não é trazer a problemática do gênero, mas apenas introduzi-la e compreender o lugar da carta dentro desse estudo. É de suma importância entender que não há um conceito totalmente fechado sobre esse assunto, mas lembrar de que “se o gênero pavimenta o caminho de acesso ao sentido de uma prática de linguagem, ele também acena para formas de comportamento que derivamos desse sentido.” (MARI & SILVEIRA, p.7, 2012)

A influência do gênero na prática de linguagem e as formas de comportamentos que ele demanda são extremamente relevantes para que os alunos possam visualizar e pensar sobre o contexto e o propósito de cada ato de linguagem.

³ Para definir um gênero, enquanto suporte para práticas de linguagem, três dimensões parecem essenciais: 1) os conteúdos e os conhecimentos que se tornam dizíveis através dele; 2) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas, partilhadas pelos textos reconhecidos como pertencendo ao gênero; 3) as configurações específicas de unidades de linguagem, traços notadamente da posição do enunciadador e dos conjuntos particulares de seqüências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura. (tradução livre)

Anais do VI SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, nº 1, 2015.

III – METODOLOGIA DE PESQUISA

A carta e a proposta

Um projeto sobre a relevância do ensino de um saber nas escolas exige como metodologia uma comprovação da falta que esse estudo faz nas instituições. Sendo assim, foram analisados textos produzidos por alunos de ensino médio que estudam em escolas da rede pública e privada.

Para esse estudo, foram selecionados cinco alunos da cidade de Niterói – Rio de Janeiro. A cidade, segundo o jornal O Fluminense, tem uma avaliação admirável em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país e está na liderança no *ranking* estadual⁴. Dentre os indicadores para elencar o índice supramencionado está a educação. Por essa razão decidimos optar pela cidade considerada padrão para demonstrar a necessidade de se estudar polidez nas escolas.

A metodologia foi desenvolvida através das seguintes etapas: O contexto da pesquisa, o material da pesquisa: descrição e caracterização e procedimentos de análise (abordagem).

O contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em cinco escolas (três particulares e duas públicas) na cidade de Niterói – Rio de Janeiro conforme o supracitado. A escolha do município foi feita para consolidar a ideia de que a falta do ensino da polidez é um tema pertinente até nas cidades consideradas modelos.

Visando exemplificar tal relevância, cinco escolas foram selecionadas em diversas partes da cidade. Os estabelecimentos de ensino escolhidos foram divididos em instituições públicas e particulares situadas em bairros de classe baixa, média e alta. Entre as escolas públicas há institutos federais e estaduais. Entre os estabelecimentos privados há um dos mais caros da cidade e uma pequena escola privada.

Foi selecionado apenas um aluno de cada escola para fins desse estudo, com faixa etária entre 14 e 17 anos, pertencentes à classes sociais distintas e com médias escolares em português e/ou redação superiores a oito. Esses estudantes não terão seus nomes reais divulgados na pesquisa, bem como suas escolas em busca de preservar a ética na pesquisa.

O material de pesquisa: descrição e caracterização

⁴ Jornal O Fluminense de 26/11/2014 ou página online <http://oglobo.globo.com/economia/icarai-na-zona-sul-de-niteroi-tem-melhor-idh-do-estado-do-rio-14654496>
Anais do VI SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, n° 1, 2015.

O material da pesquisa compreende textos produzidos pelos próprios alunos. Analisar como os estudantes se expressam através de cartas e as vozes representadas em seu discurso tornaram o objetivo desse trabalho mais próximo da realidade, pois não trabalhamos com deduções, mas com dados concretos.

O gênero carta foi escolhido, pois foi a forma em que os alunos se sentiram mais à vontade de se expressar. A naturalidade dos alunos é de suma importância nesse trabalho, pois podemos entender como o aluno tem distinguido espontaneamente as marcas de registros orais e escritos.

Os alunos receberam uma proposta de redação que está anexada a esta pesquisa. A redação deveria ser em formato de carta e direcionada à presidente Dilma Rousseff. Visto a importância dos acontecimentos dos últimos anos, o tema da carta foi baseado em uma retrospectiva. Os alunos deveriam escrever uma mensagem à presidente. Vale destacar que não houve especificação do caráter da carta, i.e., o texto poderia ser sobre reclamação, agradecimento, reivindicação, entre outros.

Os alunos sabiam que estavam participando de um projeto para entender as características das redações de Ensino Médio. Todavia, o real objetivo dessa pesquisa não foi explicado, pois poderia trazer inibição ou uma preocupação excessiva que influenciariam diretamente no resultado final. A ideia era a de que a produção escrita fosse a mais espontânea possível no que diz respeito à interação e à polidez com o destinatário para que pudessemos alcançar nosso objetivo, ou seja, demonstrar a importância dos estudos semiolinguísticos e suas reflexões em aulas de língua materna. Por fim, todos os alunos tiveram um prazo de 48 horas para entregar a redação e todas foram digitalizadas pelos próprios estudantes.

V – CONCLUSÃO

As cartas analisadas não foram apresentadas em vista da objetividade do presente artigo. Todavia, as teorias aplicadas e as conclusões conquistadas serão descritas a seguir.

A educação brasileira tem enfrentado momentos difíceis. Os alunos têm recebido um ensino precário, pois não têm infraestrutura. Os professores estão em greve devido aos seus baixos salários e pela desvalorização do seu ofício. Enquanto isso tudo acontece, ouve-se apenas a população criticando o ensino e os políticos fazendo promessas irrealizáveis. Esse trabalho pretende romper com essa perspectiva. Ao invés de se restringir a desaprovação, ele tem como um dos principais objetivos refletir sobre soluções para o desenvolvimento do ensino e o crescimento dos alunos.

Pensar sobre a relevância dos estudos semiolinguísticos nas instituições de ensino não é ter como objetivo o ensinamento das teorias de Charaudeau no ensino médio, mas trazer algumas questões sobre a linguagem que poderiam auxiliar o aluno a alcançar os objetivos traçados pelos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais e a conquistar seu espaço na sociedade.

O presente estudo é apenas a primeira parte de um trabalho que pretende responder as diversas perguntas supramencionadas, auxiliar na solução dos problemas nos institutos de ensino e realizar os propósitos do PCNs através de um projeto nas escolas públicas e privadas pautado na teoria Semiolinguística do discurso. Desta forma, esse trabalho não tem como proposta desenvolver os alunos apenas intelectualmente, mas colaborar com sua inserção na sociedade e seu crescimento pessoal.

Pensar na língua, pensar no ensino e pensar no outro é entender que a engrenagem do corpo social é movida pela linguagem e conduzida pelo homem.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. *O contrato de comunicação na sala de aula*. Goiânia: Revista Interação, 2012. p.1- 5.

_____. *Dize-me qual é o teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática*. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, Dezembro 2011.

Artigos consultados no site do Patrick Charaudeau:
<http://www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html> (31 de julho de 2015)
<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html> (31 de julho de 2015)

MURRIE, Zuleika Felice. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. 2000. p. 04-14

OLIVEIRA, Ieda de. *Capítulo 2: Pressupostos Teóricos*. In: *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.



SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim. Les genres scolaires des pratiques langagières aux objets d'enseignement. (Tradução : Revista Brasileira de Educação, n. 11, mai/ago, 1999, p. 5-16.)

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 1995.